

São freqüentes nos meios educacionais as indagações relativas ao sentido, utilidade, necessidade ou oportunidade de Arte: de fazê-la, usufruí-la, integrá-la no cotidiano.

Os que a experimentaram de alguma forma ou a vivenciam em alguma medida, por sua vez, poderiam indagar-se em termos de seu interesse exclusivo por uma forma específica de arte, ou manifestações e linguagens artísticas integradas.

Essas formulações encontram alta pertinência quando se pretende discutir a situação da Arte nos currículos escolares, e figuram como o eixo do debate e das divergências entre arte-educadores, diretores e professores de áreas de ensino diversas.

A maior parte dos autores que escrevem sobre educação artística vêem o papel da arte como um meio através do qual educamos, vinculando-a a objetivos comportamentais e expressivos. Enquanto conteúdo, a Arte é por eles considerada como uma síntese de experiências baseadas na percepção como processo de integração das emoções, pensamentos e ações.

Embora essa possa ser a estrutura mais adequada para um programa didático, pois a maioria das escolas racionaliza suas atividades dessa forma, em Artes o conteúdo está de tal forma fundido com o método, que especificar objetivos a priori será enfatizar o "output" em detrimento de "input", relegando ao segundo plano as necessidades individuais dos alunos. Consideramos assim, que ao elaborar o programa de disciplina, o professor deverá preferencialmente explicitar os conteúdos em vez dos objetivos, pois conteúdos estruturados libertam o aluno, que terá onde se apoiar para desenvolver seu trabalho, e o professor, que poderá avaliar baseado em critérios de julgamento e

*Professora de Arte-Educação e Teatro na UDESC e na UFSC - Mestra em Teatro pela USP.

não em padrões de medição, sem risco de cair no mero impressionismo.

O enfoque a que nos propomos, de cunho menos técnico e mais reflexivo, sugere em vez de "Educação Artística" (expressão conotando produção de artefatos com técnicas artísticas), "Educação Estética", visando uma abordagem integral da realidade, englobando todas as formas de expressão: poética, musical, plástica, teatral. Afinal a arte não é uma soma de conhecimentos ou um conjunto de regras. A soma de todos os nossos conhecimentos visuais, auditivos, ... não é apenas aquilo que sabemos, mas a maneira como sabemos e como reagimos a esse saber. E a função da arte nos currículos escolares é a de preservar a intensidade natural de todas as formas de percepção e sensação, coordenando-as com o contexto social e ambiental, e desenvolver a expressão do sentimento e do pensamento em forma de comunicação. A criança necessita descobrir-se a si próprio, e descobrir como seus interesses e capacidades se relacionam com os outros e com a sociedade.

Esta compreensão surgirá através de respostas contínuas a experiências sensoriais e, na escola, só uma disciplina específica e um professor que a tenha vivenciado e aprofundado será capaz de fornecer oportunidades para o aluno o conseguir. Meios e formas diversificadas de confrontar-se com o meio circunstante, desenvolvem a consciência de que existem inúmeras possibilidades, a tolerância da parte dos outros e a confiança em si próprio.

Muito se tem enfatizado o trabalho com a percepção e a sensibilização nas escolas, se bem que a tendência tem sido mais no sentido de ensinar as crianças a "ver o que está presente" como se fosse uma espécie de informação que irá servir de base ou um aquecimento para outras atividades ou disciplinas "mais sérias". Mais importante seria ajudar as crianças a compreender que existem muitas maneiras de olhar e muitas maneiras de ver. Uma vivência concomitante ou cumulativa das diversas linguagens artísticas possibilita compartilhar uma abordagem reflexiva num esquema integrado da Arte, não importa qual o ponto de partida que origina a atividade. A reflexibilidade das várias lingua-

gens é o elo unificador de todo o curso.

Planejar um curso ou programa integrando as diversas linguagens artísticas implica em identificar tema e atividades que tenham valor inerente e que sejam ao mesmo tempo acessíveis ao julgamento e compreensão não só de todos os participantes, quanto dos professores das demais disciplinas. Se a ênfase está no desenvolvimento dos sentidos como meio de conceber o mundo e no processo que utilizamos para simbolizar, comunicar, resolver problemas..., o planejamento deve incluir a reflexão sobre as diversas possibilidades de se abordar o conteúdo e as formas de atividades propostas, através da interação de meios, materiais e técnicas para formar as imagens pessoais. Esta interação é que dará sentido à sua utilização. Pintar pode tornar-se um exercício sem utilidade se apenas for empregado para reproduzir imagens já existentes.

Herbert Read¹, em 1944, já criticava o hábito de estabelecer zonas separadas de conhecimento, propondo a integração de todas as faculdades humanas numa única atividade orgânica. Hoje tende-se a considerar a integração aconselhável entre as disciplinas que pertencem a um mesmo campo de conhecimento. Observamos assim, três grupos de linguagens que poderão ser integradas no 1º e 2º graus: as científicas, as discursivas e as apresentacionais (artísticas). Mantidos os espaços indispensáveis às três áreas, o aluno estará desenvolvendo globalmente seu potencial comunicativo.

Em Arte a integração pode se dar de duas maneiras distintas:

- a) - por composição: os alunos desenvolvem um tema sob a forma teatral, seu resultado é trabalhado em plástica, e à integração das linguagens anteriores acrescenta-se a música. Ou vice-versa;
- b) - por expressão paralela: os alunos trabalham ao mesmo tempo as diversas linguagens separadamente, comparando os resultados depois.

¹ Herbert Read, *Educação em Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

Ambas as estratégias podem ser utilizadas com crianças, adolescentes ou adultos, variando o enfoque e os procedimentos comuns à cada etapa.

Nas primeiras séries (1ª a 4ª), a tônica será posta no processo contínuo de explorar e descobrir novas perspectivas do seu próprio eu, da sociedade e da arte. Neste período, dos 7 aos 10 anos, a criança se ocupa de operações concretas, baseadas na manipulação direta. Os problemas e as soluções derivam da experiência e da ação. Daí propor-se uma abordagem centrada na criança durante este período, considerando a criatividade como um elemento importante da educação em arte. Como base para a exploração de materiais e temas, veja-se os estádios de criatividade propostos por Guilford² (criatividade como habilidade de produção divergente) e Lowenfeld³ (amplia os estádios seqüenciais da criatividade propostos por Guilford, relacionando-se mais diretamente com a arte como atividade. Tem-se, então, a Arte como uma das linguagens possíveis à disposição da criança para o seu desenvolvimento integral.

Da 5ª série em diante o ensino artístico visa debruçar-se sobre o básico e específico de cada linguagem artística: os alunos vão manipular a cor, a linha, a forma, a composição, as nuances dos personagens e suas contradições... Tudo isto será então relacionado e integrado nas suas próprias atividades expressivas. Defende-se esta abordagem argumentando que, enquanto a criança não compreender as formas de expressão visual, corporal, musical (...), não estará na posse dos meios para se expressar artisticamente. Da 5ª série em diante pressupõe-se que o aluno já seja capaz de tratar com elementos formais abstratos, relacionados por autores como Lowenfeld, com o estágio de desenvolvimento dos 13 anos em diante. Em nossa prática, entretanto, temos observado que a partir dos 10 anos,

²J.P. Guilford. **Intelligence, creativity and their Educational Implications**. San Diego: Knapp, 1968.

³Virtor Lowenfeld. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

a criança que teve Educação Artística nas primeiras séries, mesmo em programas questionáveis e com professores sem formação específica, já esgotou a sua fase de pura auto-expressão e manipulação de materiais, passando a requisitar um aprofundamento gradual. Elliot Eisner escreveu em 1972 sobre a possível divergência quanto às idades de cada estágio de desenvolvimento: "Não deve ser considerado possível, (...) caracterizar as crianças no que diz respeito à sua situação, quer no desenvolvimento, quer na cultura, porque ambos os padrões de desenvolvimento e as condições culturais variam com o tempo (...). Havendo estas mudanças na cultura e nos padrões de desenvolvimento, também os padrões de rigidez se alteram; assim, o que podem ter sido dados válidos no estatuto de um grupo há cinco ou dez anos, não o podem, hoje, ser considerados"⁴.

A integração, por outro lado (respondendo aos mais céticos), não implica em diluição ou fragmentação das disciplinas específicas. Ao contrário, permite ao aluno visualizar todo o potencial das diversas linguagens artísticas, ao evidenciar cada contribuição como essencial à criação global, ao observar suas especificidades quando trabalhadas separadamente, ao ampliar sua percepção de cada uma, ao compô-la com a anterior.

O procedimento proposto para os laboratórios de integração tem como ponto de partida a exposição clara de uma situação, na qual o indivíduo possa descobrir problemas que lhe interessem. A seqüência deverá clarificar gradualmente a situação e dar ao aluno uma responsabilidade crescente na distinção das diversas facetas dos problemas selecionados e na exploração de vias para os resolver.

Enquanto o aluno inicia seu trabalho, focalizando-o da maneira que lhe interessar, utilizando materiais e técnicas colocadas ao seu dispor, o professor certifica-se que ele se move com flexibilidade e reflexivamente. Isto exige que lhe sejam apresentadas alternativas, fornecidas condições artificiais (novos materiais e técnicas), anotações do progresso do trabalho numa perspectiva global e um estímulo através da identificação das potencialidades. Em algumas ocasiões, para alargar

⁴ Elliot Eisner. *Educating Artistic Vision*. London: Macmillan, 1972.

e aprofundar as atividades, é necessário desviar os alunos para áreas alternativas de experimentação e argumentação, ou mesmo introduzir um conflito direto. Portanto, muito mais que um técnico ou bom aplicador de métodos e objetivos, o professor deverá trabalhar sua própria flexibilidade e sensibilidade. Se a arte é idiossincrática, divergente e original, então os processos na educação artística terão de levar em conta estas circunstâncias.